

Um breve estudo exploratório a respeito da evolução do jornalismo¹

Bruna Pessoa SAMPAIO²

Vítor Pachioni BRUMATTI³

Universidade Sagrado Coração- USC, Bauru, SP

Resumo

O jornalismo está presente na vida da sociedade diária e atua como um prestador de serviços. O ato de praticar jornalismo, assim como toda a humanidade, vem evoluindo com o passar do tempo. O presente trabalho tem por objetivo fazer um breve estudo em busca de compreender a evolução do jornalismo e suas fases, além de, estudar sua função social. Para isso utilizou-se a pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e qualitativo como forma de conduzir o trabalho. Vale ressaltar que se trata de um trabalho complementar a um projeto da Iniciação Científica submetido ao programa de Iniciação Científica da USC, esse projeto encontra-se em análise. Os resultados analisados já são conhecidos e por isso a proposta do artigo é revisitar os autores e, na medida do possível, complementar as leituras e estudos a respeito do tema.

Palavras-chave: Jornalismo; Comunicação; Evolução; História.

Introdução

O trabalho irá abordar a evolução do jornalismo segundo a visão de alguns autores como, Adelmo Genro Filho, Ciro Marcondes Filho, Juarez Bahia e Nelson Traquina. Expondo de forma breve a ideia de evolução de cada um desses autores, assim como o que é o jornalismo atual e sua função social. Busca-se ao longo deste artigo analisar como a evolução tecnológica pode afetar os jornais impressos, favorecendo a migração de conteúdo para as plataformas digitais.

Os objetivos do artigo são compreender a evolução do jornalismo e estudar suas fases, identificando a opinião de diferentes pesquisadores na área do jornalismo e o que cada um entende dessa evolução, além de explicar o que é o jornalismo como mercadoria e compreender as fases do jornalismo defendidas por Ciro Marcondes Filho. As conclusões formadas por meio dessas pesquisas irão fundamentar a base teórica o projeto de Iniciação Científica submetido à Comissão Interna de Iniciação Científica da USC. O projeto, intitulado: Os efeitos do processo de digitalização da comunicação na publicidade e no jornalismo pretende estudar como a migração de conteúdos dos meios impressos para a plataforma *on-line* tem impactado na publicidade e no jornalismo a ponto de modificarem seu desenvolvimento. O projeto foi submetido para apreciação da

¹Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

²Aluna do curso de jornalismo- Universidade Sagrado [Coração-brunapsampaio@outlook.com](mailto:Coracao-brunapsampaio@outlook.com)

³Orientador do trabalho. Professor dos cursos de graduação da Universidade Sagrado Coração- vitor.brumatti@usc.br

Comissão Interna de Iniciação Científica da USC e encontra-se em análise aguardando a aprovação. O período de execução do trabalho será o 2º semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018, a data da finalização e entrega da monografia é no mês de agosto de 2018.

Sendo assim, esse trabalho irá auxiliar na construção do referencial teórico acerca do tema escolhido para o estudo da proposta de Iniciação Científica. Essa temática, posteriormente, será complementada com outros temas e assunto relacionados à proposta principal a fim de permitir um embasamento teórico adequado ao projeto.

A importância deste trabalho está em colocar em discussão a evolução do jornalismo e compreender seus princípios ideológicos. Buscando pensadores na área para embasar esta pesquisa. Para o desenvolvimento do artigo a metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e qualitativo, da qual envolve pesquisas em livros na área da comunicação e estudiosos da área. Uma vez que a pesquisa bibliográfica é baseada em estudos de artigo científicos, documentos e livros já publicados sobre o assunto.

O Desenvolvimento do Jornalismo

A proposta de construção textual desse trecho do artigo não assume o papel de fazer um resgate cronológico do desenvolvimento do jornalismo, mas sim de revisitar autores que realizaram essa construção e observar suas concepções acerca da evolução do jornalismo.

De acordo com Juarez Bahia (2009) o desenvolvimento do jornalismo é ininterrupto desde o século XV. O jornalismo só existe devido aos avanços tecnológicos, e cada etapa desta evolução esta ligada a novas máquinas e meios de comunicar.

Qualquer que seja o conceito que as pessoas têm do jornalismo, a sua função só floresce em um clima de liberdade, amplas garantias constitucionais, pleno respeito aos direitos individuais. (BAHIA, 2009, p. 20)

Embora muito antes da Revolução Francesa já existisse meios com todas as características necessárias de um veículo de comunicação, por exemplo, Gazette de

Théophraste Renaudot em 1631, assim como afirma Marcondes Filho (2009) o jornalismo é filho legítimo da Revolução.

Foi com a despolitização do poder da Igreja e da Universidade que o jornalismo ganha forças para o seu desenvolvimento. Uma vez que nem as Universidades, nem as Igrejas controlam mais o poder da informação e não elitizam mais esse acesso há uma abertura para a conquista de informação.

E a Revolução Francesa, símbolo da queda de regimes monárquicos e do poder aristocrático, foi também, ao mesmo tempo, a conquista do direito à informação [...]. Assim, todo o saber acumulado e reservado aos sábios passa agora a circular de forma mais ou menos livre. E são os jornalistas que irão abastecer esse mercado. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 18)

Durante o século XIX o jornalismo foi se aprimorando e se profissionalizando, surge então, a redação como um setor específico, diretor e editor tornam-se funções distintas. Com isso, o jornalismo vai deixando de ser um instrumento dos políticos para ser um órgão político.

Ao estudar o texto de Marcondes Filho (2009) é possível compreender uma concepção de desenvolvimento do jornalismo, que está dividida em quatro fases.

Durante 1789 à metade do século XIX, o jornalismo era caracterizado por um jornalismo político-literário, do qual os jornais eram de fins pedagógicos e de formação política. Segundo Marcondes Filho, os próprios jornalistas eram políticos, e o jornal seu porta-voz. Sendo assim, os fins econômicos estavam em segundo plano. Cada político razoavelmente destacado criava seu clube, cada dois criavam um jornal, escreve Otto Groth. Este período é denominado de *primeiro jornalismo* por Marcondes Filho (2009).

A partir da evolução tecnológica da metade do século XIX surge, o *segundo jornalismo*, no qual o jornal é tido como grande empresa capitalista. O fazer jornalismo torna-se uma empresa responsável por sua autossustentação.

A grande mudança que se realiza nesse tipo de atividade noticiosa é a grande inversão da importância e da preocupação quanto ao caráter de sua mercadoria: seu valor de troca, a venda de espaços publicitários (para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica) passa a ser prioridade em relação ao seu valor de uso, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 21)

O *terceiro jornalismo*, como afirma o autor só será ameaçado pelas grandes guerras e pelos governos autoritários do século XX. Porém é o desenvolvimento da indústria publicitária e de relações públicas como novas formas de comunicação que marcam este século, competindo diretamente com o jornalismo até descaracteriza-lo.

O último e *quarto jornalismo*, defendido por Marcondes Filho está marcado pela evolução tecnológica dos anos 70.

Dentro dessa nova orientação do jornalismo, assuntos associados ao curioso, ao insólito, ao imageticamente impressionante ganham mais espaço no noticiário, que deixa de ser “informar-se sobre o mundo” para ser “surpreender-se com pessoas e coisas”. (MARCONDES FILHO, 2009, p.37)

A evolução jornalística acompanha a evolução humana. A técnica, o conceito, assim como, o profissional de jornalismo está sempre se adequando a época em que está inserido.

O jornalismo tal como se conhece hoje teve seu marco inicial no século XIX, quando se verificou o primeiro *mass media*, a imprensa.

Já Nelson Traquina (2005) aponta outra concepção para o desenvolvimento jornalístico, nela o autor apresenta as três vertentes fundamentais para compreender esse desenvolvimento. A primeira seria sua expansão no século XIX, com a expansão da imprensa, a segunda a sua comercialização e a terceira a profissionalização dos jornalistas e da construção da notícia.

Dentro da *primeira vertente* apontada por Traquina (2005) foi durante o século XIX que os jornais ganharam formas comerciais, visando lucro e o aumento das tiragens, esse período ficou conhecido como *penny press*.

Com o objetivo de fornecer informações e não propaganda, os jornais oferecem um novo produto- as notícias, baseadas nos “fatos” e não nas “opiniões”. (TRAQUINA, 2009, p.34)

A partir deste momento, no qual os jornais visam às informações e não a propaganda ‘política’ e com a inserção da publicidade como financiadora, há uma despolitização da imprensa. Isso faz com que a imprensa ganhe maior independência em relação aos partidos políticos.

Vários fatores contribuíram para fazer do século XIX a “época de ouro” da imprensa: 1) a evolução do sistema econômico; 2) os avanços tecnológicos; 3) fatores sociais; 4) a evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade no ruma à democracia. (O’BOYLE, 1968, *apud* TRAQUINA, 2009, p. 35)

Já na *segunda vertente* indicada por Traquina (2005) com a comercialização dos jornais, foi possível o aprimoramento do profissional, o jornalista. Segundo Nelson Traquina (2009) a expansão da imprensa veio com o crescimento do que era chamada de “imprensa respeitável”, que seriam os grandes jornais diários como, por exemplo, *The Times*.

Durante o século XIX os jornais mostraram-se como um instrumento de mobilização da opinião pública, a imprensa começa a se afirmar como espaço para a manifestação do pensamento.

Completando o pensamento de Traquina (2005) tem-se a *terceira vertente* em que os avanços tecnológicos foram primordiais para o desenvolvimento dos jornais, destacando-se as técnicas tipográficas. Com a evolução das prensas aumentaram as tiragens, tornando possível conseguir um produto de massas. De 50 páginas/hora na época de Gutenberg as rotativas Marinoni passam a imprimir 95.000 páginas/hora.

Além das técnicas e profissionalização do jornalista, o pleno exercício do jornalismo só é possível quando há liberdade. Esse luta pela liberdade começa no século XIX quando os jornais passam a se importar mais com a notícia do que com a propaganda, havendo uma despolitização da imprensa.

Que a primeira das vossas leis consagre para sempre a liberdade de imprensa. Esta é a mais intocável, a mais incondicional liberdade - sem a qual as outras liberdades nunca poderão ser asseguradas. (MIRABEAU, *apud* TRAQUINA, 2008, p.45)

Conforme os dois autores estudados o que se assemelha e o que diferencia é que ambos acreditam que a evolução jornalística começa a partir do século XIX, porém, seguem caminhos que em suas concepções são distintas.

Marcondes Filho (2009) caracteriza a primeira fase do jornalismo como os jornais tendo fins pedagógicos. Já Traquina (2005), qualifica esta primeira etapa como a expansão da imprensa, já visando o lucro. O que seria o *segundo jornalismo* da evolução defendida por Marcondes Filho (2009), que tem seu *terceiro jornalismo*

marcado pela presença da publicidade e das relações públicas. Os avanços tecnológicos são defendidos por ambos os autores. Traquina (2005), define a evolução tecnológica em sua *terceira vertente* e Marcondes Filho (2009) em seu *quarto jornalismo*.

Além disso, é importante ressaltar que o desenvolvimento do jornalismo foi diferente em cada parte do mundo, mas em geral a sua história seguiu o padrão europeu ocidental. Na Inglaterra a luta contra a censura ainda no fim do século XVII, contribuiu para uma imprensa que privilegia a informação. Formando um público interessado nas notícias econômicas e políticas e jornais em busca de leitores e anunciantes, afim de se autossustentarem. Na França, o jornalismo teve maiores dificuldades para conseguir sua independência, mantendo-se presos aos laços com a política e literatura. Nelson Traquina (2009) defende que essa dificuldade dos jornais franceses em conquistar sua independência, é devido ao fato de haver pouca publicidade e leitores.

Já no Brasil, seu início foi tardio com chegada da família imperial portuguesa em 1808 e foi marcado por muitas peculiaridades.

O jornalista francês Yves Guyot foi um jornalista que percebeu o futuro poder do jornalismo. Guyot acreditava que a imprensa, considerada algumas vezes como o “Quarto Poder do Estado”, se tornaria no primeiro “à medida que os governos de discussão substituíssem os governos absolutistas”. (TRAQUINA, 2008, p. 73)

Diante do estudado é possível questionar em que consiste o jornalismo na atualidade. Nelson Traquina (2008) afirma que não é possível responder esta pergunta em uma frase, ou em um único livro. Para o autor, pode-se dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ de vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias de triunfo e tragédias.

As pessoas buscam através do jornalismo, manterem-se informadas sobre o que acontece no mundo. Os jornalistas podem dizer que o jornalismo é a realidade.

No entanto dever-se-ia acrescentar que essa “realidade” muitas vezes é contata como uma telenovela, e aparece quase sempre em pedaços, em acontecimentos, uma avalanche de acontecimentos perante a qual os jornalistas sentem como primeira obrigação dar respostas com notícias [...]. (TRAQUINA, 2008, p. 20)

É possível trazer outras concepções acerca do desenvolvimento do jornalismo, sem que seja relacionado apenas aos aspectos tecnológicos ou estruturais da profissão ou do fazer jornalismo dentro da sociedade.

Dentro dessa perspectiva Adelmo Genro Filho (2012) a atualidade sempre foi um objeto de curiosidade para os homens. O autor aponta duas teorias sobre a função social do jornalismo. Genro Filho (2012) acredita que de um lado, o jornalismo, seja visto como um instrumento particular de dominação burguesa. Neste caso, seu conteúdo seria manipulado de acordo com interesses desta classe “dominadora”.

Do outro lado estaria a visão funcionalista, que vê o jornalismo como “crítica responsável”, responsável por uma divulgação objetiva dos fatos.

Na linguagem mais direta do mestre (Durkheim), uma atividade voltada para a denúncia e correção das “patologias sociais”, portanto, para a coesão e a reprodução do estado “normal” da sociedade, ou seja, o capitalismo. (GENRO FILHO, 2012, p. 33)

O autor também afirma que muitos estudiosos separam o desenvolvimento do jornalismo do desenvolvimento histórico capitalista e para ele o primeiro está completamente ligado com o segundo. O jornalismo tal como se conhece hoje foi fortemente influenciado pelo sistema capitalista.

Genro Filho (2012) vê os jornais como produtores de mercadorias e explica usando a teoria de Marx sobre o que é mercadoria que, segundo Marx, é uma relação mediatizada por coisas, as quais parecem conter essas relações como se fossem suas próprias qualidades naturais. O autor, ainda faz críticas aos conceitos de imparcialidade e objetividade nas notícias, “Ora, o jornalismo deve ser imparcial, mas deve “interpretar” os fatos e “guiar” os leitores.” (GENRO FILHO, 2012, p.38).

Para reforçar seu pensamento o autor traz outros pensadores que discutem essa relação em que há certo “grau de verdade” de que a notícia não deve emitir juízos de valores explícitos. Porém, esse “juízo” já vem nas entrelinhas na hora da produção da notícia como, por exemplo, a seleção dos fatos, a escolha das palavras, o que irá ganhar destaque e o relacionamento espacial e temporal dos fenômenos.

É realmente inviável exigir dos jornalistas que deixem em casa todos esses condicionamentos e se comportem, diante da notícia, como profissionais assépticos, ou como a objetiva de uma máquina fotográfica, registrando o que acontece sem imprimir, ao fazer seu relato, as emoções e as impressões puramente pessoais que o fato neles provocou. (ROSSI, 1984, *apud* GENRO FILHO, 2012, p.43)

O jornalista possui sua bagagem, seu conteúdo histórico e visão dos fatos, o que irá influenciá-lo na produção da notícia. Portanto, a objetividade nos fatos jornalísticos é apenas um mito. A opinião do jornalista não estará explícita na matéria, mas na sua produção.

Adelmo Genro Filho contrapõe o conceito defendido por Nilson Lage (1979) sobre o que é notícia. Para Lage (1979, p.33) a notícia “tem sido uma corrente de transmissão de experiências”. Genro Filho (2012, p.181) acredita que a “notícia jornalística não pode ser considerada como uma modalidade da informação em geral”, ele aponta que foi a transmissão sistemática, a partir da emergência do capitalismo, que deu origem à notícia jornalística.

A “indústria da informação” surge como extensão da indústria em si, responsável por disseminar a informação em grandes proporções em um mesmo espaço e tempo. Há uma grande diferença entre imprensa e jornalismo, segundo a concepção do Genro Filho (2012, p. 182), para o ele a imprensa é o “corpo material do jornalismo, o processo técnico do jornal” e o jornalismo “é a modalidade de informação que surge sistematicamente destes meios para suprir certas necessidades histórico-sociais”.

Genro Filho (2012) traz para discussão o texto de Marcondes Filho (1984, *apud* GENRO FILHO, 2012) em que contradiz o autor, também citado neste trabalho anteriormente. Para Genro Filho (2012, p.113) a “imprensa só assume caráter rigorosamente jornalístico quando ultrapassa o seu funcionamento estrito enquanto instrumento de classe”. Já para o segundo autor

Somente no momento em que a imprensa passa a funcionar como instrumento de classe é que ela assume o seu caráter rigorosamente jornalístico. (MARCONDES FILHO, 1984, p. 16 *apud* GENRO FILHO, 2012, p. 113).

Sendo assim Genro Filho (2012) explica que a imprensa assume seu viés jornalístico quando consegue ir além do uso como instrumento de classe e passa a abordar questões mais profundas dentro da sociedade.

O autor ainda traz o pensamento de Medina (1978, *apud* GENRO FILHO, 2012). Que coloca o jornalismo como mercadoria, moeda de troca, concepção essa criticada por Genro Filho (2012). Medina (1978, *apud* GENRO FILHO, 2012) acredita que o capitalismo tenha transformado os jornais em defensores de interesses particulares

da burguesia e grandes produtores de mercadoria, no qual a informação passa a ser, além de manipulável, um objeto de troca.

Nesse momento, é preciso examinar o problema no seu enquadramento geral: informação jornalística como produto da comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana industrializada. (MEDINA, 1978, p.20, *apud* GENRO FILHO, 2012, p.132)

Os autores citados possuem opiniões divergentes em alguns aspectos como foi apresentado. O fato é que existe uma grande necessidade de se discutir esses conceitos e analisar cada uma das teorias. O que não pode faltar para se fazer um bom jornalismo é busca da verdade, compromisso com os leitores, independência, deixando uma característica de defensores da burguesia e tornando-se representante das pessoas em geral, sem que isso seja apenas utopia.

O jornalismo precisa revisar e reforçar sua função social, sua ética profissional e não ser apenas uma mercadoria do mundo capitalista. Função social está de informar a população de forma igualitária sem visar agradar as “necessidades” das empresas anunciantes. O jornalismo deixou de ser o “Quarto Poder” defendido por Nelson Traquina (2005) e tornou-se um meio que cria dúvidas na população por saberem que as notícias podem ser manipuladas conforme o interesse ideológico de cada jornal, partidos políticos apoiadores e empresas publicitárias.

Em um momento em que a produção de notícia pode ser feita por todos via rede sociais, é o jornalismo e o jornalista que devem reforçar seu papel dentro da sociedade e reassumir sua função social como primazia da sua atividade. As pessoas devem buscar os meios de comunicação para terem certeza se o que viram em outros ambientes, inclusive nas redes sociais é real e isso só será possível com um jornalismo de qualidade e comprometido com a verdade.

Considerações Finais

O artigo propôs uma breve discussão sobre a evolução do jornalismo, o que é notícia e sua função social, de acordo com os pesquisadores da área da comunicação. Ficou claro que os autores possuem algumas opiniões divergentes sobre essas concepções.

Com as pesquisas realizadas para este trabalho foi possível compreender que o jornalismo teve sua evolução a partir do século XIX, século de ouro do jornalismo. A

partir daí, de acordo com Traquina (2005) começaram suas buscas pela liberdade de expressão e política. *Penny Press* é o período conhecido por ter dado ao jornalismo uma maior preocupação com a informação do que com a propaganda. Já Marcondes Filho (2009) divide essa evolução em quatro fases, que vai do jornalismo político-literário, a empresa capitalista, as novas formas de comunicação ao quarto e último jornalismo, marcado pelas evoluções tecnológicas.

Nelson Traquina (2005) apresenta uma das teorias do jornalismo que mais se aplica nas conclusões deste arquivo, a teoria organizacional. Teoria, na qual explica o porquê as notícias são como são. Porque a organização assim determina, tornando o jornalista preso a ideologia empresarial. O jornalista está preso à ideologia de sua empresa, que está presa a ideologia capitalista que as mantêm dependentes de seus anunciantes e dos partidos políticos que as apoiam.

O jornalismo teve sua evolução marcada no século XIX e dois séculos depois, em pleno século XXI, o jornalismo ainda não é livre. Muito precisa ser discutido e conquistado por esta profissão. O jornalista precisa ser livre de ideologias que o mantêm refém de suas próprias ideias, pois não pode expressá-las, e não sendo capaz de exercer sua função social.

Essas pesquisas foram de extrema importância para o embasamento teórico do projeto de Iniciação Científica submetido à Comissão Interna de Iniciação Científica da USC. Certamente auxiliaram de forma muito positiva na compreensão do jornalismo dentro da sociedade atual e sua função social. Além, é claro, de permitir uma elucidação, de acordo com os autores estudados, em relação ao seu desenvolvimento.

Referências

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica-** História da Imprensa Brasileira. Mauad, 2009

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide.** Insular 2012.

MARCONDES Filho, Ciro. **Ser jornalista-** O desafio das tecnologias e o fim das ilusões. Paulus, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo.** Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo.** V 2. Insular, 2008.